

Seis leituras heurísticas para análise jornalística

Wellington PEREIRA¹

Resumo

O objetivo deste ensaio é discutir as novas maneiras de interpretar os modelos teóricos da imprensa escrita tomando a Heurística como um domínio inovador na interpretação e na recriação dos arquétipos das teorias jornalísticas. Partindo do princípio que os modelos hermenêuticos aplicados à análise da linguagem jornalístico, resolvemos estabelecer uma discussão em torno de formas interpretativas do jornalismo impresso que posso evidenciar possibilidades de diálogos com outros de campos do conhecimento de forma sensível, criativa, sobretudo resgatando para os estudos de mídia e cotidiano a perspectiva de uma sociologia-fenomenológica que não “enquadre os fenômenos sociais em um a priori técnico-discursivo, tampouco considere as construções da realidade algo inerente aos aspectos materiais e referências da sociedade.

Palavras-Chaves: Jornalismo. Cotidiano. Heurística.

Resumé

Le but de cet essai est de discuter de nouvelles façons d'interpréter les modèles théoriques de la presse écrite qui se heuristique comme un domaine novateur de l'interprétation et de la re-création des archétypes de théories journalistiques. En supposant que les modèles herméneutiques appliquées à l'analyse du langage journalistique, nous avons décidé d'établir une discussion sur les formes d'interprétation de la presse écrite qui peut mettre en évidence les possibilités de dialogue avec d'autres domaines de la connaissance du sensible, créative, en particulier le rachat pour les études médias et de la perspective quotidienne d'une sociologie phénoménologique-pas des «phénomènes sociaux de cadre sur un a priori technique discursive, ni considérer les constructions de la réalité inhérentes aux aspects matériels de la société et des références.

Mots-Clês: Journalisme. Quotidie. Heuristique.

¹Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGC/UFPB. Coordenador do Grupecj - Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo. E-mail: wjdop@uol.com.br

Introdução

O objetivo deste ensaio é inventar - no sentido mais próximo da "mimeses" aristotélica - novas possibilidades dialógicas e metodológicas entre o discurso jornalístico-informativo e as formas de construção das realidades enunciativas.

A nossa pretensão ensaística é larga, mas o escopo simples e direto: quais são os novos desafios metodológicos enfrentados por pesquisadores e artífices do campo jornalístico?

Para fazer com que o mundo-da-vida não negue de forma abrupta esse “ofício técnico-tecnológico” de produzir apresentações estéticas sobre as realidades sociais, que medidas epistemológicas ou hermenêuticas devemos tomar?

Os caminhos epistemológicos ou hermenêuticos tiveram suas fronteiras apagadas pela simplificação tecnológica do conhecimento, o que elevou os conceitos à categoria de “operacionalidades utilitárias”. Assim, o conhecimento se apresenta em sua forma aritmético-externa (o famoso apertar o botão) e esconde sua forma interior-geométrica (a união de recursos técnicos e cognitivos responsável pela conexão entre saberes).

As hermenêuticas também sucumbiram às tentações aritméticas, ou seja, o valor analítico está, em geral, na soma das teorias utilizadas na explicação de um saber aplicado, a priori, à apresentação do social.

Tanto a teoria do conhecimento (epistemologia) quanto a hermenêutica (padrões de interpretação) quando aplicadas ao Jornalismo – sobretudo o impresso – se configuram enquanto herdeiras de outros saberes, como: as teorias organizacionais, a psicologia das massas, a publicidade ou a técnica – no dizer de Heidegger – como metafísica acabada (foco na materialização dos fatos sociais).

O jornalismo, na contemporaneidade, aparece dividido em dois campos fundamentais: 1) produção de informação em escala industrial (contratos simbólicos que alimentam o factual); 2) campo de pesquisas didático-pedagógicas e experimentação de linguagens> Sendo assim, o conectivo estabelecido entre o que se diz e o que se vive derrapa ora nos efeitos retóricos próximos às propagandas institucionalizadas, ora no sentido anti-horário no qual se encontram a informação e as experiências cotidianas.

A produção de informação em escala industrial pela grande mídia passa a depender da velocidade sintática – ou seja, da capacidade de revitalização dos dados, em tempo cada vez mais fracionado, apagando o tempo da experiência cultural dos povos.

No campo das pesquisas didático-pedagógicas em jornalismo, a tensão se dá a partir das dificuldades em recuperar, sobretudo em sala de aula nos programas de pós-graduação, ou estudos da mídia – o engarrafamento teórico promovido pela sintaxe veloz das novas mídias. Nesse caso, cabe ao pesquisador mergulhar no “palheiro de informações” e abluir os significados sociais, retirando as crostas ideologizadas pelas retóricas do Estado ou do Mercado.

O desafio se estende à Heurística – a ciência do inventar, de fazer descobertas através de campos sintáticas e semânticas. Através de um exercício heurístico, podemos exercer uma metanoia (no sentido do conhecimento capaz de acompanhar as diversas formas do social), ou partir da métiis – conhecimento espiralizado – capaz de se adequar as frestas dos saberes circundantes.

As seis possibilidades de leituras heurísticas

Na tentativa de ultrapassar os limites dos arquétipos hermenêuticos para análise do jornalismo em diálogo com as mídias digitais, propomos – de forma preliminar -seis possibilidades de leituras heurísticas para análise jornalística:

1. O Ser-Ai substituído pelo Ai-Ser;
2. A prevalência de uma Monocultura da informação;
3. O Eco dos Saberes (ou por uma política ecológica para os meios e ambientes da informação);
4. A Falha Ontológica nos enunciados sobre tecnologias e homens;
5. A política sem polis, a polis sem política.
6. O máximo de Semântica no mínimo de sintaxe.

Os caracteres do Ai-Ser

O Ser-Ai no sentido heideggeriano representa a toma de construção do estar no mundo, ao nosso ver -, a primeira fase da consciência ontológico (do Dasein e relação ao ente), mas isso ligado a uma hermenêutica histórica “clássica”.

O Ai-Ser constitui uma nova presença que parte da materialização do médium (ou da materialidade da comunicação pensada por Gumbrecht) para uma ontologia do presente através de signos circundantes e desmaterializado, pois nele os suportes midiáticos (nas mídias digitais) estão em função da captura fenomenológica da presença. Aqui, de certa forma, voltamos, a semiótica de Santo Agostinho na qual o significante serve de suporte mimético para o significado. Ou no dizer de Heidegger (2008): um exercício de mostrar-se a si mesmo.

A heurística do Ai-Ser nos levar a pensar na constituição de uma nova presença no Mundo da Vida que não é apenas mediada pelas narrativas da modernidade, tampouco pelos paradigmas enunciativos dos grupos especializados, como nos demonstra Thomas Kuhn.

O Ai-Ser é um ente do acontecimento. Isso faz de sua presença uma opacidade ética que carrega em si a complexidade do imaginário social ou mesmo entre a ideia de duração em Bergson ou de instante em Roupanel, como nos apresenta Gaston Bachelard.

A característica do Ai-Ser é a desmaterialização do tempo dos enunciados sociais a partir dos suportes materiais das mídias.

A prevalência de uma Monocultura da informação

Se existe uma monocultura da informação, existe também um latifúndio cultural. A heurística vai nos ajudar a pensar como podemos, levando em consideração a desmaterialização do tempo dos enunciados, procurar entender como seplanta novas culturas nos hectares midiáticos sem eliminar os princípios fundadores, o arké dos gregos.

O Eco dos saberes

A promoção de uma ecologia dos saberes se dá necessariamente através de uma mixórdia de vozes – pois a lógica organizacional dos saberes é uma atribuição de sentidos, como Heidegger ver o conceito de interpretação em Ser e Tempo. Podemos afirmar que uma heurística do Eco dos saberes é a reinvenção da Ecologia das formas sociais consideradas não contíguas, mas que estão contidas no imaginário social de cada povo – percebida, eficazmente, por uma Sociologia das Formas ou Fenomenológica (à la Simmel).

A falha ontológica nos enunciados sobre tecnologias e homens

O que está velado neste processo de interpretação é a consciência, muito cara a Marx, que o domínio dos homens sobre os homens não se define no uso das máquinas, mas nas idéias de usos dos modelos de máquinas. Geralmente, por conta de uma falha da ontológica (ontologia como teoria do ser) nunca pensamos que as máquinas são governadas por entes que são ontológicas, como as técnicas de produção de imagens, sons etc. Assim, o Dasein – enquanto presença humana no mundo – é facilmente eliminada pela superioridade tecnológica, enquanto a técnica ainda é ôntica.

A política sem polis, a polis sem política

O processo de desmaterialização da comunicação nos anima a pensar as profanações sofridas pelo poder em seu exercício cotidiano, mas que o jornalismo, sobretudo o impresso, insiste em cristalizar através dos gêneros opinativos, devolvendo à opinião pública uma nova doxa referendada pela episteme socioeconômica de cada país. O templo e o estado são móveis e não se pode mais administrar a polis somente considerando a retórica política.

O máximo de semântica no mínimo de sintaxe

A produção de uma semântica da velocidade para evitar a obsolescência das narrativas cotidianas leva ao empobrecimento de uma sintaxe da reflexão. Isso quer dizer: novos significados são gerados para alimentar o factual, mas a chave interpretativa está encoberta. O ato de descobrimento, para Heidegger, chama-se fenomenologia.

Da Fenomenologia às interpretações heurísticas

A fenomenologia de Husserl, que desemboca na crítica da técnica instrumental feita por Heidegger e na constatação da banalização do mal a partir das preocupações filosóficas da Hannah Arendt, nos ajuda a entender a predominância de teorias que vestem os acontecimentos sociais com um apriorismo que fere quaisquer capacidades de reconhecimentos dos fatos sociais a partir de uma análise de conjuntura, isto é: tudo se apresenta no “modo argumentativo” mesmo sendo “análise” crítica à argumentação-persuasivo discurso jornalístico.

Nesse sentido, a Fenomenologia nos inclina ao “retorno” às coisas como elas são e se apresentam sem a possibilidade de um enquadramento hermenêutico conceitua os fatos para que possa enunciá-los.

O enquadramento hermenêutico se configura através de duas formas epistêmicas: 1) produção de informações no campo jornalístico; 2) utilização de arquétipos teóricos na análise dos enunciados jornalísticos. A primeira forma diz respeito à divisão das temáticas abduzidas pelo processo de edição do discurso jornalístico em rubricas editoriais que funcionam como marcos ‘cognitivos’: política, esportes, cultura, lazer, comportamento (isso nas mídias impressas). A segunda forma epistêmica se consolida na adequação de teorias – historicamente determinadas - para análise de atual como se estas fossem capazes de prescindir do contexto sociocultural em que foram pensadas.

As hermenêuticas analíticas e as de produção (como tentamos pensar no parágrafo anterior) elas partem do princípio que existe uma premissa maior para análise

dos fenômenos sociais e a partir daí configuram percepções da realidade de forma aritmética, nas quais premissas consideradas maiores - como violência, política, esporte - geram um campo de forças centrípetas que anulam as formas geométricas do social, aquelas que são consideradas da ordem do sensível ou da subjetividade.

Uma proposição heurística atua de forma contrária aos modelos hermenêuticos aplicados na análise do discurso de produção da informação jornalística, como também para legitimação de uma certa crítica midiática. Daí, a necessidade de uma recriação constante desses modelos ou mesmo de uma desconfiança sobre a predominância histórica de um paradigma cultural analítico sobre outros mais criativos e, organicamente, marginais com relação ao centro (econômico e político) produtor das matrizes analíticas, das idéias “argumentativo-revolucionárias” que assumem as teorias importadas como ferramentas tautológicas de um conhecimento sacralizado, pronto para servir a exercícios críticos que buscam: o efeito em detrimento da causa, a suspeita antes da investigação, a espiral do silêncio teórico que protege os modismos teóricos, a simplificação do simples, que mata a complexidade, através da deambulação bibliográfica.

Considerações finais

Uma leitura heurística, auxiliada pela Fenomenologia, nos ajuda a pensar, de forma criativa e complexa, as diversas maneiras possíveis de restaurar a leitura dos processos de difusão e de exercício crítico aplicados à leitura do jornalismo, porque assim se efetiva uma episteme que não se contenta apenas em ser a crítica para as críticas usuais, mas síntese cuidadosa dos perigos das teses que bifurcam os caminhos da interpretação

As leituras heurísticas colocam em movimento os fatos sociais e as teorias produzidas sobre eles; provocam conflitos teóricos metodológicos, pois o lugar da partir é sempre a dúvida hipotética. Elas reconhecem que os resíduos semânticos (significados marginais) fazendo parte e até sustentam o centralismo teórico de forma dialógica.

Uma leitura heurística se faz necessário, pois através da imaginação, da estetização da palavra ante a imobilização conceitual, pode nos ajudar a habitar as

linguagens em suas construções geométricas que partem do cotidiano para a mídia e da mídia para o cotidiano.

Referências

CHAURAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, Wellington. mídia e a construção do cotidiano. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luis Gonzaga (Orgs.). **Observatórios de Mídia**. São Paulo: Paulus, 2008.

CORREIA, João Carlos. **A teoria da Comunicação de Alfred Schultz**. Lisboa: Horizontes, 2005.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.) **Método e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente: por uma sociologia da vida cotidiana**. Natal (RN): Argos, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

MORIN, Edgard. **O método 4: as idéias: habitar, vida, costumes e organização**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

TEDESCO, João Carlos. Paradigmas do cotidiano: introdução à constituição de um campo de análise social. Santa Cruz do Sul (RS); Passo Fundo (RS): Edunisc- UPF, 2003.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998.

VERNANT, Jean Pierre et al. **Métis: as astúcias das inteligências**. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.

REBELO, José. **O discurso do jornal**. Lisboa: Notícias editorial, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2008.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2006.